



A Raça Caracu¹

Concepta McManus¹, Carina da Costa Krewer¹, Luiza Seixas¹, Cristiano Melo¹, José Jivago Rolo¹, Felipe Pimentel²

¹ Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF.

² CEUB, 707/907 - Campus Universitário - Asa Norte, Brasília - DF, 70790-075



¹¹ 13/03/23

Fonte: <http://www.cnpc.org.br/news1.php?ID=591>

A raça Caracu, como outras raças nacionais, formou-se após 400 anos de cruzamentos descontrolados e adaptação a um ambiente não preparado para recebê-la (BICALHO, 1985). É bastante controvertida a origem do nome Caracu. Segundo alguns criadores (ATHANASSOF, 1910) a expressão Caracu teve origem na denominação reduzida de Cara Curta para Acaracú e Caracu. De acordo com LIMA *et al.* (1990), criadores do vale do Sapucaí informaram que este grupamento genético era chamado de cara-curta e, que posteriormente, este nome foi encurtado para Caracu.

ATHANASSOF (1957) cita que o gado Caracu é oriundo das raças Minhota e Alentejana (tronco Aquitanico) enquanto BICALHO (1985) afirma que a raça Mertolenga também participou de sua formação embora não existam registros da entrada de animais desta raça no Brasil. Segundo Primo (2000), as raças Alentejana, Arouquesa, Barrosa, Minhota e Mirandesa foram responsáveis pela formação das raças Caracu e Curraleiro.

A seleção natural proporcionou-lhe as seguintes características: pêlo curto; resistência ao calor, a endoparasitas e ectoparasitas; facilidade de locomoção (bons aprumos); cascos resistentes, tanto para solos duros quanto para solos encharcados; umbigo curto e sem prolapso; capacidade de digerir fibras grosseiras; além de facilidade de parto (ABCCARACU, 2010).

O Caracu apresenta um perfil retilíneo ou ligeiramente convexo e orelhas de tamanho médio. A pelagem pode variar de baio, amarelo claro ou vermelho escuro, sem atingir o branco e o castanho nas extremidades. São animais de chifres e cascos alaranjados, sendo permitida a presença de estrias pretas, principalmente nos cascos. As mucosas devem ser claras, e na pelagem são indesejáveis manchas pretas ou brancas. A linha do dorso é plana, com pequena inclinação na garupa, o prepúcio é curto e a vassoura do rabo de cor amarela. A raça tem dupla aptidão, ou seja, produz carne e leite (LIMA *et al.*, 1990). O Caracu é, em geral, um gado de grande corpulência apresentando uma carcaça pesada, uma ossatura bruta e exagerada que se traduz exteriormente por cabeça grande e larga, munida de chifres muito desenvolvidos e grossos, coluna

vertebral de segmentos muito angulosos e salientes, manifestando-se claramente no sacrum que é quase sempre muito proeminente (FILHO, 1964).

A raça Caracu é a maior das raças crioulas do Brasil, com touros e vacas pesando mais de 950 e 650 kg, respectivamente. É óbvio que uma raça de grande peso na idade adulta tenha um potencial para crescimento rápido e isso também está associado a uma elevada idade à puberdade (WILKINS, 1993). Para PRIMO (1986) o Caracu atual, adaptado ao clima do Brasil, responde a características próprias e pode considerar-se como uma raça nacional, mais próxima do tronco Aquitânico que do Ibérico. É considerada uma raça de dupla aptidão, rústica e de mediana precocidade. Alguns estudos realizados evidenciam que a raça Caracu tem bom potencial de produção, é de tamanho mediano e a altura na cernelha nos animais adultos oscila entre 1,30 e 1,40 metros. A cor da pelagem varia do amarelo claro (baio) até o alaranjado.

Em regime exclusivo de pasto, o peso médio das vacas está em torno de 550 a 650 kg. Os touros pesam ao redor de 1.000 kg podendo chegar a 1.200 kg. Aos dois anos de idade, as novilhas atingem cerca de 400 kg. Os bezerros de um ano atingem uma média de 300 kg, devido à boa habilidade materna das matrizes (ANON, 1989). A produção em rebanhos de seleção leiteira (Caracu Caldeano) está em torno de 2.100 kg por lactação (incluindo-se aí novilhas de primeira cria) em regime de pasto com pequena suplementação (LIMA *et al.*, 1990). Produz um leite com alto teor de gordura, em torno de 5%, e um extrato seco também elevado. As fêmeas são colocadas em reprodução a partir dos 14 ou 15 meses de idade, e as vacas podem ser mantidas em reprodução até os 16 ou 17 anos. Em uma estação de monta normal, um touro Caracu é capaz de servir cerca de 50 fêmeas, com um alto índice de prenhez positiva. É um gado manso e dócil, o que facilita o manejo do rebanho no campo (ANON, 1989; ABCCARACU, 2010).

Muitos autores (ATHANASSOF, 1957; NEVES, 1918), informam que os bovinos nacionais, principalmente o Caracu, descendem das raças Portuguesas, Minhota, Barrosã, Arouquesa, Mirandesa e Mertolenga. Todas elas são raças provenientes do norte de Portugal, sendo que a Minhota é idêntica à Rubia Gallega da Espanha. Desta

forma, as similitudes entre as raças crioulas do Brasil e da Hispanoamérica podem ser explicadas pela proximidade geográfica de suas origens.

A raça Caracu filia-se ao tronco aquitânico. Várias raças deste tronco, tanto espanholas quanto portuguesas, além de raças pertencentes a outros troncos, contribuíram para a formação da raça Caracu (ABCCARACU, 2010). Segundo ATHANASSOF (1957), o gado Caracu deriva da raça Minhota e Alentejana (tronco Aquitânico) enquanto BICALHO (1985) afirma que o Caracu originou-se das raças portuguesas Alentejana e Mertolenga, embora não exista registro da entrada desta última no Brasil.

Dentre as raças naturalizadas do Brasil, os bovinos da raça Caracu são, sem sombra de dúvida, os que se apresentam em maior número. Depois de uma drástica redução da população, devida principalmente à entrada do zebu, nota-se um crescente interesse por parte dos criadores a voltar a criar este tipo de bovino, já que resultados de provas de ganho de peso e de trabalhos de cruzamentos têm mostrado o seu grande potencial como produtores de carne. O gado Caracu foi mantido como raça pura em algumas situações isoladas: na região de Poços de Caldas, Minas Gerais, foi selecionado para produção de leite, originando o que hoje se denomina Caracu Caldeano; na Estação Experimental de Sertãozinho, do Instituto de Zootecnia de São Paulo mantém um plantel que tem sido objeto de diversos trabalhos de pesquisa, visando avaliar seu potencial para produção de carne; nas regiões de Palmas (Estado do Paraná), de Ponte Serrada e de Curitiba (ambas no Estado de Santa Catarina), castigadas por invernos excessivamente rigorosos, também foram mantidos alguns plantéis de Caracu como raça pura. Isto foi possível porque muitas raças de corte especializadas não conseguiram sobreviver a essas condições ambientais hostis. As raças européias encontraram um sério obstáculo na baixa qualidade nutricional dos campos naturais no período outono-inverno, enquanto que as raças zebuínas foram derrotadas pelo rigor do frio e das chuvas de inverno.

Aproveitando esse material genético existente na região, o Instituto Agrônomo do Paraná - IAPAR também vem avaliando o gado Caracu tanto como raça pura como em cruzamentos (MARIANTE, 1993b).

Em 1916, com a criação da Associação Herd-Book Caracu, que orientava os criadores associados, e registrava os desta raça, foi estabelecido um padrão racial, visando a produção de carne (TROVO & DUARTE, 1981). De acordo com LIMA *et al.* (1990), no ano de 1900 o Caracu era considerada a raça bovina mais importante no Brasil por causa das suas qualidades zootécnicas, mas desde então já corria o risco de desaparecer devido ao abandono em que se encontrava.

A Fazenda de Seleção do Instituto de Zootecnia fazia restrições ao uso de animais descendente do "Caracu Caldeano", pois estes animais tinham parentesco com bovinos pertencentes ao tronco Batavicus (Holandês antigo). O termo "Caracu Caldeano" refere-se ao gado Caracu de bom tamanho, chifres muito grandes e baixos, e que apresenta uma boa produção de leite, e é resultado de um sério trabalho de seleção para leite realizado pela família Carvalho Dias, da região de poços de caldas - MG (LIMA *et al.*, 1990).

Após o período de quase abandono já mencionado, a partir de 1916, o aumento da população e o melhoramento desses bovinos foi considerável, tendo atingido seu apogeu, inclusive na predileção de grande número de criadores, por volta de 1940 (DIAS, 1948). Apesar disto, o melhoramento da raça Caracu, com o intuito de formar uma raça de corte, após 55 anos de seleção, foi considerado um fracasso. Mais uma vez a criação de bovinos Caracu entrou em declínio, culminando com o encerramento da Associação Herd-Book Caracu em 1965, e a paralisação dos estudos de melhoramento da raça em Nova Odessa no ano de 1970 (BICALHO, 1985; TROVO & DUARTE, 1981). Em 1969, as reportagens em jornais e revistas falavam do "fim do Caracu".

Felizmente, desde aquela época alguns zootecnistas e geneticistas já reconheciam a necessidade da preservação da raça (LIMA *et al.*, 1990). E, em 1976, técnicos e pesquisadores do Instituto de Zootecnia da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, iniciaram um programa de reconstituição e

estudo de um plantel de animais dessa raça. A partir de um levantamento de núcleos de criação de bovinos da raça Caracu foram identificados 32 plantéis pertencentes a 28 criadores totalizando 12.386 animais, sendo 6.234 vacas (TROVO & DUARTE, 1981).

A formação de uma nova associação de criadores, denominada “Associação Brasileira de Criadores de Caracu”, no Paraná, em 1980, e a conseqüente abertura do novo Livro de Registros do rebanho, reconhecido oficialmente pelo Ministério da Agricultura em 1983 (ANON, 1989), e da fundação da Associação dos Criadores do Caracu do Vale do Rio Pardo, com sede em Ribeirão Preto-SP, no ano de 1988 (LIMA *et al.*, 1990), foram marcos importantes para a nova era desta raça brasileira.

O que chama atenção na raça Caracu é o fato, de embora de origem européia (*Bos taurus*), ser extremamente adaptada ao clima tropical e subtropical do Brasil (ANON, 1989; CERRI, 1993). O Caracu traz, portanto, o benefício de ser um *Bos taurus* de origem européia, com adaptabilidade para se desenvolver em qualquer região do país, inclusive no Pantanal Mato-grossense (OLIVEIRA, 1989; BARROS, 1997).

A linha dorsal não guarda a horizontalidade precisa que caracteriza a beleza dos bovinos. A cauda é geralmente fina, pelo menos nos animais de pêlo fino. A cor dos chifres é muito variável, mas em geral os animais tomados como típicos da raça, tem os chifres claros e com pontas avermelhadas, como avermelhados são também os cascos. Pelos chifres não se podem caracterizar os animais Caracu. As mucosas são castanhas rosadas, cor de chocolate ou escuras, quase negras, conforme o tipo do animal criado em uma ou outra região e proveniente de uma ou outra família. A testa é larga formando uma base sólida na inserção dos chifres. É um sinal muito pronunciado da origem desse gado que provêm, como o da Península Ibérica, do *Bos Frontosus*. A disposição das pernas ou aprumos são bem regulares no gado Caracu, o que demonstra bastante resistência adquirida com a ginástica funcional, mas o afastamento entre si quer dos membros anteriores, quer dos membros posteriores, deixa bastante a desejar. Tais defeitos precisam ser corrigidos pelo cruzamento com outras raças de aprumo e afastamento irrepreensíveis e depois fixados por seleção. A pele é geralmente grosseira,

o que é natural no gado criado à moda selvagem e sempre exposto a todas as intempéries (FILHO, 1964).

O rebanho Caracu não fica reunido no pasto. Ele se espalha, diminuindo a intensidade de pisoteio, o que possibilita um melhor aproveitamento e longevidade das pastagens. Nas regiões frias, o gado penetra nas matas, não só para consumir folhas, como também para proteger-se do frio. No período de escassez de alimentos cerrado brasileiro, por ocasião da estaca seca, o Caracu complementa sua dieta com vários tipos de arbustos nativos (ABCCARACU, 2010).

Atualmente a raça é muito utilizada para cruzamentos, principalmente com vacas zebuínas, nas áreas de criações extensivas. Como estes acasalamentos geram mestiços com um alto grau de heterose, a raça tem competido em igualdade de condições com raças especializadas, tanto em termos de qualidade como de produtividade de seus mestiços, principalmente nas áreas onde o sistema é de cobertura a campo (LIMA *et al.*, 1990; ANON, 1989; CERRI, 1993). A utilização destes bovinos em sistemas de cruzamento com animais de outras raças e, mais especificamente com o zebu, oferece uma alternativa muito importante para sua exploração racional (PRIMO, 1986).

Em um estudo populacional, BICALHO (1985) concluiu que a raça Caracu apresentava uma baixa variabilidade genética e estava subdividida em quatro populações geneticamente distintas. Após a análise dos dados, foi sugerido que houvesse um intercâmbio de animais entre os núcleos, com a finalidade de se evitar maiores perdas da variabilidade, em função da deriva genética.

SERRANO *et al.* (2004) e EGITO *et al.* (2007), utilizando marcadores do tipo RAPD e microsatelites, demonstraram que entre as raças nativas, a Caracu foi a que apresentou uma menor diversidade gênica. Isto pode ter ocorrido porque a raça Caracu possui livro de registro, desde 1983, definindo melhor um padrão genético em relação às demais raças nativas. Estes resultados concordam com os obtidos por POLI (1985) que, utilizando a tipificação de fenogramas de fatores sanguíneos, também observou esta menor diversidade gênica na raça Caracu, quando comparada com as demais raças nativas. Estes resultados podem ser explicados pela seleção que vem sendo praticada

pelos criadores desta raça, que até 2006, era a única dentre as raças nativas que possuía uma associação de criadores.

Atualmente o bovino Caracu é encontrado praticamente em todo o território nacional, existindo associados em 13 estados, totalizando mais de 85.500 animais registrados (ABCCARACU, 2010). Vários estudos e pesquisas, além das citadas anteriormente, já foram realizados com esta raça. Sem sombra de dúvida, entre as raças nativas brasileira, a Caracu foi a mais estudada e já não corre risco de ser extinta como as demais.

Associação Brasileira de Criadores de Caracu

Rua Vicente Machado, 1.322 - Centro

Palmas - Paraná

85.555-000

Tel: (46) 3263-1632

E-mail: imprensa@abccaracu.com.br

Site: <http://www.abccaracu.com.br>

Referencias:

- ABCCARACU. Associação Brasileira de Criadores de Caracu. Link: www.abccaracu.com.br, março 2010.
- ANON, A. Caracu: resistente e boa opção de cruzamento. Balde Branco. Brasil, agosto, 1989; p. 28 – 31.
- ATHANASSOF, N. Manual do criador de bovinos. Ed. Melhoramentos, 6ª edição. 818 p. 1957.
- ATHANASSOF, N. Origem do gado Caracu. Estudo Sobre o Gado Caracu. Secretaria dos negócios da agricultura do Estado de São Paulo. p 6-14. 1910.
- BARROS, D. F. B. Informe da raça Caracu, a caminho do século XXI. Pecuária de corte. nº 70 p.48 – 49. Brasil - setembro, 1997.
- BICALHO, H. M. S. Grupos sanguíneos e polimorfismos de proteínas do sangue da raça Caracu (*Bos taurus taurus*). Belo Horizonte, MG - Tese de Mestrado.1985.
- CERRI, C. Caracu, quanto mais velho melhor. Globo Rural. Brasil, abril, 1993; p. 44-53.
- DIAS, E. C. O gado Caracu sob o sistema de retiros. Revista Ceres. Brasil, junho – setembro, 1948; p. 383 – 402.
- EGITO, A., PAIVA, S.R., ALBUQUERQUE, M.S., MARIANTE, A.S., ALMEIDA, L., CASTRO, S., GRATTAPAGLIA, D. Microsatellite based genetic diversity and relationships among ten Creole and commercial cattle breeds raised in Brazil. BMC Genetics 8(1):83 2007 doi:10.1186/1471-2156-8-83.
- FILHO, J. M. A. Coisas do Passado , Lages SC. 83p. 1964.
- JORDÃO, L. P. Alguns dados sobre a raça Caracu. Gado Caracu 15: 10-19. 1950.
- LIMA, M. L. P.; NETO, L. M. B.; RAZOOK, A. G. O gado Caracu. Revista dos Criadores. Brasil, outubro, 1990; p. 28 – 30.
- MARIANTE, A. da S. Conservação de bovinos Crioulos no Brasil. In: Evaluación y elección de biotipos de acuerdo a los sistemas de producción, ed. Por Juan P. Puignau. Montevideo: IICA-PROCISUR, 1993b. 368P. (Diálogo-IICA-PROCISUR; nº. 35).
- MARIANTE, A. da S. Conservação de recursos genéticos animais: uma questão de bom senso. In: Anais da 30ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Zootecnia, Rio de Janeiro- RJ; 16-23 julho, 1993a.
- MARIANTE, A. da S.; CAVALCANTE, N. Animais do Descobrimento: raças domésticas da história do Brasil. Brasília, Embrapa Sede / Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2000. 232p.
- MARIANTE, A. da S.; EGITO, A. A.; ALBUQUERQUE, M. S. M; LUNA, N. M.; ABREU, U. G. P. Bases e Avanços do Programa de Conservação dos Recursos Genéticos Pecuários: Caso Brasil. In: Congresso Interamericano de Razas Autóctonas y Criollas, 4. Tampico, México, 1998: 11-28.

- NEVES, A. S. Origem provável das diversas raças que povoam o território pátrio. In: Primeira Conferência Nacional de Pecuária. Sec. da Agricultura, Com. e Obras Públicas. São Paulo. 1918.
- OLIVEIRA, S. Quatrocentão de futuro, gado Caracu. Globo Rural. Brasil, abril, 1989; p.14–19.
- POLI, M. A. Polimorfismo imunogenéticos, seu exmpleo en conservacion de germoplasma animal. Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia. Brasília: 08/10-15/12, p. 501985
- PRIMO, A. T. 1987. Conservation of animal genetic resources: Brazil National Programme.p.165-173 In: Animal Genetic Resources: Strategies for Improved Use and Conservation, J. Hodges, ed. Rome, Italy: Food and Agriculture Organization of the United Nations.
- PRIMO, A. T. Os bovinos ibéricos nas Américas. In: Anais da 30ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Zootecnia, Rio de Janeiro- RJ; 16-23 julho, 1993.
- PRIMO, A. T., Introdução de Animais Domésticos no Novo Mundo. In: II Simpósio de Recursos Genéticos para América Latina e Caribe – SIRGEALC, Brasília, DF; 21 a 26 de novembro, 1999.
- PRIMO, A.T., Conservación de Recursos Genéticos Animales em el Brasil. In; Ganado Bovino Criollo, 224p., Buenos Aires-Argentina, 1986.
- SERRANO, G. M. S. Uso de Marcadores Moleculares RAPD na Caracterização Genética das Raças Bovinas Nativas Brasileiras, Dissertação de Mestrado. Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2001.
- SERRANO, G. M. S.; EGITO, A. A.; MCMANUS, C.; MARIANTE, A. S. Genetic diversity and population structure of Brazilian native bovine breeds. Pesquisa Agropecuária Brasileira, v.29, n.6, p. 543-549. 2004.
- SILVA, R. R. O gado nacional. Gado Caracu, publicação da Associação Herd Book Caracu, São Paulo, Janeiro, 1940, Ano V – n ° 1, pg 8-16.
- TROVO, J. B. F.; DUARTE, F. A. M. Levantamento de núcleos de criação da raça Caracu no Brasil. Zootecnia, 19 (4). Nova Odessa, 1981.
- WILKINS, J. V. Biótipos de ganado Criollo y su inserción em los sistemas de producción predominantes em el sur. In: Evaluación y elección de biotipos de acuerdo a los sistemas de produccción, ed. Por Juan P. Puignau. Montevideo: IICA-PROCISUR, 1993. 368P. (Diálogo-IICA-PROCISUR; nº. 35).
- YASSU, F.; FRANCO, M. Mocho Nacional volta a ter vez com o Caracu. DBO Rural, Brasil, maio 1996, p. 68-72.
- Instituto de Zootecnia. <http://www.iz.sp.gov.br/pagina.php?id=33>